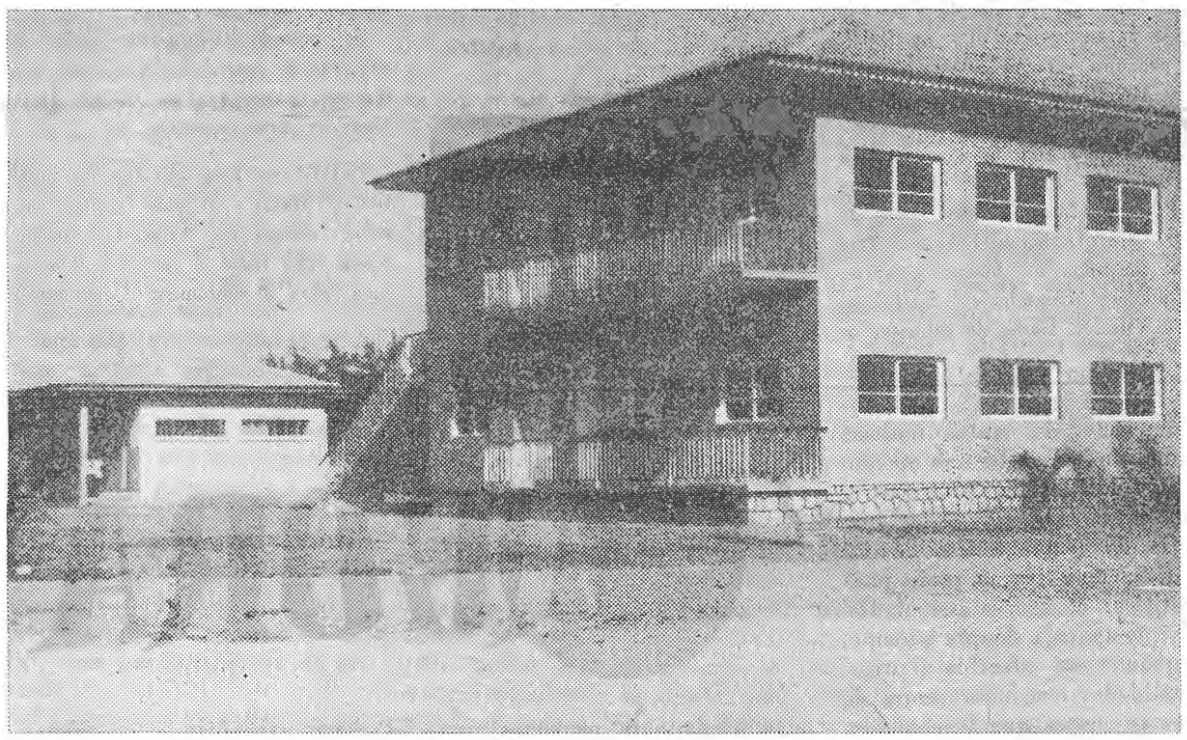
AVENÇA

O Gaiato

1 DE SETEMBRO DE 1973

ANO XXX — N.º 769 — Preço 1$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Uma das casas de habitação da nossa Aldeia de Benguela. À esquerda, espreitam as Escolas.

Areias do Cavaco

Quadros da nossa vida — Conheci o garoto, há seis anos, em terras do Moxico, na cidade do Luso. Tinha nessa altura, 11 anos. Foi apresentado como não tendo ninguém, ou melhor, não se sabendo do paradeiro de pessoa alguma de família. Ele sabia que a mãe era viva, mas não onde estava. Do pai nunca chegou a ter notícias. Tinha todas as marcas para ser nosso. E veio para a Casa do Gaiato de Benguela. Cresceu. Frequentou a escola que não conhecera até àquela data. Foi uma aprendizagem lenta. A rua, o abandono a que foi votado desde pequenino, atrofiaram a inteligência, a vontade, tornando mais difícil seu desenvolvimento. A pouco e pouco foi recuperando todos os anos perdidos. De vez em quando o pensamento da mãe bailava no seu íntimo.

Como tinha um coração de oiro, nunca lhe ouvimos palavra de desprezo, ou de revolta, por aquela que lhe deu a vida. Pelo contrário. Foi-lhe confiado lugar de responsabilidade em nossa Casa, que é a casa dele. O que veio da rua é, agora, condutor, guia doutros mais novos.

Há dias veio pedir para ir ver a mãe. Foi. Ficou chocado com a miséria que viu. Em vez da revolta, do desprezo, o seu coração encheu-se de compaixão. Quis dar a mão a sua mãe, libertando-a do peso dos dois filhos cujo futuro sombrio antevia. Não pôde trazê-los com ele porque não temos lugar.

Há corações de oiro, pérolas perdidas por esses caminhos, aos pontapés, escondidos em farrapos, à espera da mão que os conduza e os salve. E grande parte dos homens passam indiferentes, vivem indiferentes; quando muito, admiram quem faz alguma coisa por eles, mas não se decidem a dar o passo

Cont. na QUARTA página

MALANJE

«Nós andamos fartos de pôr a mesa e fazer a cama a rapazes abandonados por seus pais impunes: operários, jornaleiros, transeuntes, comerciantes, licenciados. Todas as classes. Todas as idades. Todas as religiões. Todas as categorias — e todos impunes!! Nós andamos fartos. As injustiças cansam e revoltam.»

Certas, palpitantes e actuais estas palavras de Pai Américo. É à medida do pé desta Angola... «Impunes» de todas as categorias sociais. Eles — os sem nome — em todos os lugares — cidades, vilas, sanzalas e quimbos.

Há dias um pequeno meu, numa repartição:

— Como te chamas?

— Ricardo.

— Mais nada? O nome de teu pai?!

O pequeno ficou espantado com a pergunta; nunca este problema lhe tinha surgido. Desde as costas da mãe aos bancos da escola nenhum passo lhe ditou ou avivou o sentido da filiação paterna.

Na sua certidão de baptismo (que em Angola tem efeitos civis) só consta Ricardo.

Naquele momento, vi em toda a sua vida, o seu bilhete de identidade só com um nome. Então tomei-o pelo braço e fomos ao Registo Civil. Que sim — bastava depois averbar na Paróquia.

E ali mesmo deu o nome que sua mãe lhe tinha ensinado, quando pequenino — lá sabe ela porquê.

Claro que não somos perfeitos. E como, se somos filhos da imperfeição, da desordem e, muitas vezes, da fome? E quem é perfeito? Aquele que...

Há dias veio ter comigo um pai e desabafou as tropelias de seu filho único, contando talvez com uma regra pedagógica salvadora. Que não havia, disse-lhe, e fizesse o que o seu coração de pai lhe ditasse. Os pais quando verdadeiramente amam, têm intuição para escolherem o caminho indicado.

Se não me consolou a preocupação deste pai, serviu-me de meditação e deu-me um certo ânimo para enfrentar os problemas de tantos.

Padre Telmo

Aqui Lisboa

Com relativa frequência chegam-nos ecos do que escrevemos, apoiando ou reprovando, esclarecendo ou completando as ideias aqui expressas. Gostando nós do pluralismo que se baseia no respeito efectivo e real das pessoas — que de teorias estamos fartos — é pois, com viva satisfação que recebemos correspondência dos Leitores. Há, porém, que esclarecer os nossos propósitos, para que não fique qualquer dúvida no espírito dos que se nos dirigem e que, tantas vezes, nos pretendem ver ligados a grupos ou facções.

Somos padres da Igreja e com Ela queremos viver e sentir. Estamos ligados directamente ao Bispo e por Ele ao Papa supremo Pastor, comungando das suas preocupações e desejando com Eles a mais perfeita comunhão de sentimentos e de espírito, ao serviço de todos os Homens, mormente dos mais pobres e infelizes. Para melhor podermos ser instrumentos de salvação, gostaríamos de abdicar das próprias opções ou gostos acidentais para nos tornarmos ocasião de unidade entre todos os irmãos, ricos ou pobres e de todas as cores ou tonalidades políticas ou sociais. A nossa maior preocupação é levar, a pretexto de tudo e de nada, o Evangelho às almas. A todos amamos e a todos queremos respeitar.

À luz do que dizemos atrás ver-se-á que não é nossa finalidade «bater» em ninguém, ou «defender» qualquer sistema temporal estabelecido ou a criar. Somos independentes e, se denunciamos a injustiça ou defendemos a justiça, pretendemos, porém, salvaguardar as pessoas; se aplaudimos, agradecemos ou aprovamos, fazemo-lo ainda por imperativo de justiça, com repúdio da lisonja fácil ou subserviente. A «arte» de demolição das reputações do próximo, ou o jogo dos compadres elogiosos, repugnam-nos. Só a Verdade queremos seguir.

Amar a Deus e os Homens eis o nosso programa. Tudo o que não seja assim será fruto das nossas imperfeições ou dos nossos pecados.

Padre Luiz

P. S. — Esquecíamo-nos de dizer que amamos de modo particular — e muito — a Terra que nos viu nascer, o que em nada contraria o exposto acima. Que nela reine a Justiça, a Verdade e a Caridade, são os nossos votos.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — A tarde de ontem foi muito quente. Se estivéssemos na praia, aquele sol quente, diria mesmo escaldante, seria por nós apreciado, mas andávamos a abrir e encher alicerces para pequenos muros que ladearão a estrada de acesso às novas oficinas. Hoje lá andam outra vez. Ouço as pás a amassar cimento e as enxadas a cavar a terra, mas a manhã está fresca e enevoada; hoje é para acabar. Depois destes muros feitos a estrada será calcetada e assim teremos o acesso pronto.

Antigamente, ali, havia apenas um carreirito. A terra não era nossa. Hoje, tudo nos pertence dum lado e doutro. À esquerda está a casa dos nossos professores e a terra de onde há dias arrancámos para cima de 300 arrobas de batata. À direita erguem-se e tapam-nos a vista as já faladas novas oficinas. Dos poucos que agora cá estão em Casa muitos são os que ali andam, uns com pás, outros picaretas, outros enxadas e ainda as padiolas; hoje vai tudo!

E os que não estão cá em Casa? Bom, alguns deles devem ter apreciado a tarde de sol que para nós foi «oarrasco», pois gozam as suas férias acampados na Praia de Mira. E também não lhe devem ter tomado gosto, apesar de estarem na praia. Andam a abrir os alicerces onde assentarão as paredes da nossa futura casa na Praia de Mira.

Há dez anos consecutivos quem passasse na estrada da Videira, logo a seguir à Casa da Sagrada Família e olhasse para a floresta do lado direito veria afiladas uma série de tendas canadianas. E se estivesse atento veria à entrada uma tabuleta que dizia: *Casa do Gaiato, acampamento.* Pois era aí o nosso acampamento, composto por bonitas tendas: 3 amarelas, 2 azuis, uma verde claro e outra vermelha. Que bonitas são! Mas este ano, quem lá passar já não vê o seu colorido. Que aconteceu? Algo que não deve ter sucedido somente a nós. Chegámos e encontrámos no local onde era costume armar o nosso acampamento umas tábuas suspensas nos pinheiros que diziam pertencer aquele terreno ao Secretariado para a Juventude! Cercava aquela grande zona da floresta uma rede, já por si alta, encimada por 3 ou 4 fiadas de arame farpado. Custou-nos e talvez não só a nós aquela rede de arame farpado...

Esperámos ver toda aquela área cheia de acampamentos de jovens, mas até hoje nem viv'alma! Talvez seja por isso.

Mudar, nada nos custou, pois este ano estamos em melhor local. Agora podereis ver as nossas tendas a dar alegria à floresta na estrada da Figueira, um pouco mais no interior. Mas, da estrada pode-se ver e lá está a velha tabuleta. Será este o último ano que apontará aquele tão lindo conjunto. Temos pena, mas daqui em diante não encontraremos mais arame farpado para nos dizer que não podemos acampar. E como que a fugir dele, a casa será no outro extremo da povoação. Será uma casa funcional e não muito grande. É para servir apenas no verão, luxo a que não nos podemos dar, mas há-de servir também no inverno...

É lá que andam, como já disse, um grupo dos nossos rapazes que se ofereceram para, neste tempo de férias, ajudar na construção da nossa casa. Se houver alguém que esteja disponível e queira dar a mão a este grupo de rapazes generosos apareça; será bem aceite e haverá trabalho.

Lita

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Recebemos, durante um mês, para os nossos Pobres, o seguinte:

Da Rua Augusto Gil, Porto, 40$00. Metade, duma farmacêutica, muito amiga, de Rio Tinto. Idem, do Porto: *«É bem pouco, mas também sou pobre e viúva...»*. A presença habitual da assinante 17022. E, agora, a palavra vai para uma Mãe:

«Junto uma nota de 50$00 para a vossa Conferência, pedindo uma oração por meu filho mais novo, que não tem tido juízo nem tomou ainda rumo certo apesar de ser muito bom. Não vos esqueceis dele nas vossas orações...»

De Agrelos (Vizela), 45$00 e o pedido de *«uma Avé-Maria por alma de minha Mulher»*. Oh legenda!

Mais 100$00, muito discretos, num pequenino sobrescrito expedido de Santiago de Riba Ul. O mesmo de Lisboa, Rua Morais Soares. A costumada presença da assinante 17740. E, finalmente, do Seixal:

«Para os Irmãos da Conferência de Paço de Sousa, com a amizade fraterna da Assinante do Seixal, seguem 600$00...»

Júlio Mendes

AZURARA

Regressou o 3º turno de férias para dar lugar ao quarto.

Tudo correu bem.

Quanto ao tempo, tivemos na primeira semana, muitos dias sem sol, o que nos entristeceu um pouco. A segunda considerámo-la melhor em relação à primeira.

Cada um de nós teve as suas regalias, dentro das idades respectivas. O snr. padre Carlos deu-nos dez escudos, a cada um e um pouco mais aos mais velhos, para irmos ao cinema, ou melhor, para o que cada um quisesse. Comia-se bem, não haja dúvida; e até parece que engordámos um pouco durante os quinze dias de praia — mas também foi preciso trabalhar nos serviços caseiros, internos e externos.

Não sei se os leitores sabem que em cada turno vão sempre jornais para vender, senão... No terceiro turno foram mil. Venderam-se todos. Sendo assim, quero agradecer aos leitores de Vila do Conde, Póvoa do Varzim e arredores, terem-nos ajudado. E comparticipado indirectamente da nossa vida.

O regime de horários penso que foi melhor que nos anos anteriores. Junto à praia tivemos bons amigos, como um casal francês e seus três filhos que nos deram bons momentos de alegria e de boa disposição.

Agradeço, em nome da malta, a todos os que colaboraram connosco.

Em cada turno vai um casal da nossa Obra, da Aldeia de Paço de Sousa, passar quinze dias de férias. Na primeira semana esteve o casal Júlio Mendes e companhia. Na segunda o Carlitos e família.

É de registar um agradecimento à mercearia do Parque de Campismo de Vila do Conde, a dois passos de nossa Casa. Deram-nos entrada livre para fazermos as nossas compras, evitando-nos caminhadas fastidiosas até à Vila. É, ainda, de salientar os bónus concedidos. Esperamos que continuem beneficiando os turnos seguintes. E sempre...

Isto que sirva de exemplo a quem sempre nos conheceu, desde os primeiros tempos de praia, e nunca fez nada... Neste caso um dia bastou!

Muito obrigado a todos!

«Fabião»

Paço de Sousa

CASAMENTO — Contraíram matrimónio, em nossa capela, o Quim «Perozelo» e a Eulália.

O nosso Padre Carlos presidiu à cerimónia em união com a Comunidade de Paço de Sousa.

Aos dois jovens recém-casados desejamos as melhores felicidades.

PISCINA — Que ricos banhos nos proporciona!

E agora com este calor abrasador, até sabe bem. Sem dúvida, por lá passamos horas agradáveis.

Os nossos carpinteiros estão a executar as portas dos balneários, ao mesmo tempo que os trolhas finalizam as obras em curso.

FRUTA — Este ano tivemos muitíssima fruta, e o novo pomar (no antigo campo das batatas) forneceu ainda mais fruta, o que é realmente bom, para a sobremesa e merendas.

Henrique

AGORA

No meio de tantas notícias acumuladas desde há sete ou oito meses, desisto de procurar a cronologia. Há aqui várias presenças do Natal e fim de 72, de quem terá tido já razão para desesperar de as ver assinaladas. Pois vão agora, e sempre a tempo, porquanto este advérbio exprime actualidade; e o amor, causa de todos os gestos que vamos relatar, projectado em Deus, recebe assim a espécie de Eternidade, que é um *hoje*, um *agora* sem fim.

Vamos lá começar pelos grupos mais pequenos, pois decerto não caberão todos no desfile deste número do jornal.

Casas por inteiro — Alguém da Junta de Energia Nuclear com 12 contos. Outra dúzia «de um casal que conseguiu a sua casa própria, para ajuda daqueles que a não têm». Esta notícia vem-nos pela mão do Padre Zé Maria, de Lourenço Marques.

Outra das Alunas e Professoras do Liceu Rainha Santa Isabel, do Porto, que desde há muitos anos aí aparecem em cada um deles, sem nunca terem cansado. Deus conhece a «alma mater» deste movimento. Ele lhe agradeça e retribua.

É mais outra, de médico que há muito perderamos de vista. «Entretanto, correndo a nossa vida menos mal, com saúde e trabalho, graças a Deus, pudemos melhorar a casa em que vivemos e estamos pagando para ficar nossa. Pensávamos dar então o nosso contributo para as casas dos Pobres - e o «então» é «agora» pela tabela antiga, se bem me lembro, já que nos deixámos e daí nos deixaram desactualizar.»

Na linha do que escrevemos acima, tudo em acto, tudo a valer na Eternidade. O que é preciso é que não nos deixemos de novo perder de vista.

Passam agora os das *Casas para que vários concorrem*. Poucos, muito pouquinhos, mesmo! É aquele médico amigo da Nazaré, que tem sido o «carola» do que ele próprio chama a «ex-futura Casa do Licenciado», com duas remessas de 150$00 cada.

A lembrar o 16 de Julho, 240$00, «a tal gotinha para a *Casa de N. S.ª do Carmo*, mas actualizada para pequenos auxílios aos heróis que começaram suas casinhas tendo por vezes tão pouco e só tanta coragem. A gotinha de 1972 chegaria ao seu destino?

Não dei por isso no jornal.»

Eu penso que sim, que chegou mesmo, ainda que me tivesse escapado na enumeração do verão de 72...

Obrigado pelo voto: «Deus ajude a transformar nossa casa num Lar». Assim seja.

E mais dois ecos, respeitantes ainda à Casa do Licenciado. Este P. S. :

«Esta carta já há muito deveria ter sido mandada. Mas não o foi e ainda bem. Isso dá-me oportunidade de aderir ao apelo feito no artigo «uma Carta» de «O Gaiato» de 26 de Maio último.

Licenciada, contem com 50$00 todos os meses para ajudarmos os Pobres, melhor, para ajudarmos a acabar com os Pobres.

Venham mais licenciados, mas com alma e com amor.»

E esta carta:

«Li no último «Gaiato» «uma Carta» e apesar de não ser licenciado, levanto o dedo e mando os 20$00.

É muito simples, se todos quisermos tornar esse sonho em realidade seria uma realidade bela para todos nós.

Um assinante.»

«P. S. Dei a carta a ler à minha mulher, ela também levantou o dedo e quiz mandar.»

Vêm aí os Pessoais. São dois: o da Caixa Têxtil do Porto e o da ex-Hidro-Eléctrica do Cávado, hoje integrada na C. P. E., sem ter conseguido ainda *contagiar com o mesmo virus*, os Pessoais trabalhando na mesma e vindos das outros grandes Empresas Produtoras e Transportadoras de Energia Eléctrica.

Do primeiro grupo, chegou-nos, desde Dezembro até à data: 230$50 + 650$00 + 320$00 + + 305$00 + 305$00.

A segunda totalizou em igual período: 12.091$80.

O que falta em relação ao tempo das Companhias separadas é a parte da Administração que, anualmente, costumava igualar a contribuição dos seus Empregados. Era bom que assim fôsse.

Seguem *os de todos os meses* que fecham hoje a *Procissão*.

A Alda do Ribatejo, de quem só guardei recados de Março e Abril, mas bem me parece que apareceu mais vezes.

Seis presenças de Berta e Jorge no Espelho da Moda. Aqui, também, outras tantas da Maria do «Pequeno Louvre»

Agora é Lisboa, «Major do Silêncio», com as mesadas deste corrente ano. Que Deus lhe restaure a saúde.

Ois da Ribeira, 9x100$ desde Dezembro/72 até ao Agosto/73 em que estou a escrever. Porém, como se fora pouco, aparecem duplicações de que ainda não dera fé. São outros 100$ mensais a repartir igualmente pelo Património dos Pobres e pelo Calvário.

Deus acrescente esta Maria na medida do amor que nos tem.

Outra vez Lisboa. É Bertha com a sua costumada remessa também para o Património e Calvário: oito vezes este ano, fora os extras.

Por sua mão, em fins de 72, compareceu com 460$00 «uma Mãe que muito tem sofrido e que *sabe* o que é sofrer».

Que Deus nos ajude a todos-nós.

CALVÁRIO

um mundo diferente?

16 de Julho — dia em que a Obra da Rua celebrava o décimo sétimo aniversário da morte de Pai Américo, seu fundador, o Calvário completava dezasseis anos de existência — vim, com um colega, pela terceira vez, para o Calvário de Beire, a fim de dedicar parte das minhas férias ao serviço dos doentes que aqui se encontram.

Faz-me bem sair, de quando em vez, da engrenagem da vida corrente e do convívio com homens normais, e viver, por pouco tempo que seja, num mundo constituído por pessoas diminuídas físicas e (ou) mentais.

Sob o ponto de vista pragmático, tão em voga em nossos dias, os seres humanos anormais não têm qualquer valor para a sociedade. Por isso, esta procura libertar-se deles. Como? Pondo-os à margem, por exemplo. É um dos modos de assassinar homens, lentamente e sem dar nas vistas. Mas, nem por isso, deixa de ser crime!

O Calvário é uma Obra destinada a dar abrigo àqueles que foram atirados para a valeta da vida. Aqui encontra-se o lixo humano.

Um dia após a minha chegada, ouvi, em gravação, as palavras de Pai Américo — esse homem simples que detestava ser aplaudido — pronunciadas, em 1954, no Coliseu do Porto: ao referir-se ao Calvário, ainda sonho, mas, em breve, realidade, dizia por estas palavras semelhantes: «Que vamos fazer? Amar. É muito triste uma pessoa não ter um sítio para viver; mas, mais triste ainda, é não ter um local para morrer. Que vamos fazer, então? Amar».

Concretamente o que é o Calvário, afinal?

Quem, melhor que ninguém, pode responder a tal interrogação é o Padre Baptista que, desde o início da Obra, se tem dedicado de alma e coração a estes doentes; escreveu ele, em 1962, em «O Gaiato»: «O Calvário foi, é e será sempre um vasadouro. Tudo quanto estorva ao convívio dos homens vem aqui parar. Desde que não haja possibilidade de encaixe no quadro social do nosso tempo para aquilo que é considerado inútil, logo surge aqui a notícia angustiada de alguém que não tem arrimo. Este paralítico, porque não tem quem lhe chegue o caldo; aquele, porque, nem parentes nem amigos lho querem chegar. Um, porque sofre, em abandono, mal incurável; outro, porque, também sem esperança de cura, ocupa inutilmente cama hospitalar. Mas todos eles rumi-

nando o abandono que é de todos o mais doloroso mal».

Aqui sofre-se, em vários aspectos. A cruz de granito, atirada para as alturas, que nos aparece logo à entrada, testemunha isso mesmo. São cerca de noventa pessoas que, agarradas à sua cruz, vivem no Calvário. Cristo continua a padecer nelas. Ainda que, às vezes, me custe reconhecê-lO nas risadas estridentes do Juca; na quase imobilidade do sr. Armando; na cegueira da Maria Alice que, quando veio para cá, tinha seis anos e pesava quatro (!) quilos; no corpo torcido do Tinoco; na cabeça enorme do Quim; no rosto apalermado da Gracinda; nas manias do Edmaro; no andar de rastos do Carlos; na pequena estatura da outra Maria Alice; no corpo esquelético do Manuel António...!

Ao olhar para estes doentes, pergunto a mim próprio: porquê eles e não eu? E penso: nós, os cristãos, por vezes, preocupamo-nos demasiado com os mortos, procurando aliviar o seu purgatório, mas esquecemo-nos frequentemente de fazer algo para diminuir o inferno de tantos vivos!

Cada pessoa que aqui vive é verdadeiramente santa, ou melhor ainda, o próprio Cristo — «tudo o que fizerdes ao mais pequeno dos meus irmãos é a Mim que o fazeis» — que eu adoro, em cada dia, levantando-o, lavando-o, dando-lhe a comida na boca, deitando-o.

No Calvário, ninguém é considerado doente, ou tratado como tal, à maneira hospitalar. Aqui vivem homens, mulheres, jovens e crianças. Por isso, quem pode trabalhar, trabalha; quem pode ajudar os outros, ajuda. Gosto tanto de ver o Edmaro e a Maria Alice, de vassoura na mão, a varrer os arruamentos do Calvário; o João Ninguém, manhã cedo, a levantar e limpar os mais pequenos; a Dulce, a sr.ª Joaquina e a Fátima, na rouparia, a remendarem as roupas; o sr. Jorge a tratar da jardinagem; a Gracinda e a Fernanda, na copa, a lavarem a louça; o Ferreira, em carrinho de rodas, a dar a comida na boca aos que não conseguem comer por mão própria; a sr.ª Maria da Conceição a descascar batatas; o Bernardo, também em carrinho de rodas, no pavilhão, a limpar os mais pequenos ou a fazer outros trabalhos...

E a maior parte destas pessoas foi posta à margem da sociedade, por ser inútil! Que crime!

Muitos visitantes, ao verem um ou outro enfermo, atiram, para o ar, expressões como estas: «Coitadinho(a)!»; «Olha que peninha.»; «Mais valia que Nosso Senhor o(a) tivesse levado!»; «Ai tão doentinho(a)!». Sinto-me triste quando ouço tais palavras, pois considero-as verdadeiros vitupérios escarrados na cara destes homens e mulheres!

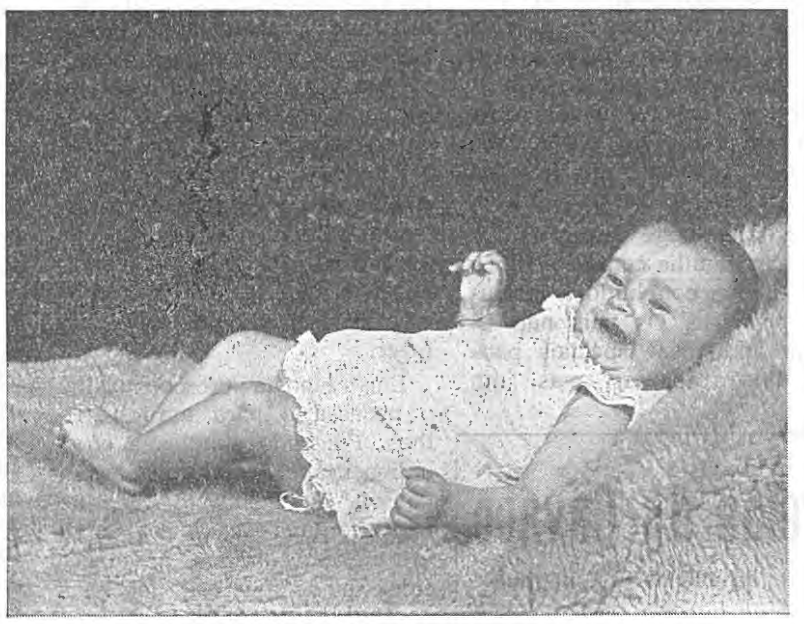
Já alguém me perguntou quanto ganhava eu no Calvário. Nada. Seria ladrão, se exigisse qualquer ordenado. Aliás, há cerca de dois anos, escreveu o Padre Baptista em «O Gaiato»: «Estes doentes são sagrados demais para serem tratados por assalariados».

Sim, estes enfermos, ainda que o não pareçam, são sagrados. Como todos os homens. E negociar com o sagrado é cometer um sacrilégio!

João Henriques Fidalgo

(in «Correio do Vouga»)

A Família Cresce



Em cima, a Paula Fernanda, filha do Quim Oliveira, de Paço de Sousa

Ao lado, o Luís, filho do Manuel Milheiro, ora na Suíça.

Campanha dos Tempos Livres

Muitos de nós temos tempos livres. Outros não sabem o que é isso... E ainda outros têm-nos mas duma forma útil: ocupam-se em centros culturais. Também há os que esbanjam o tempo inutilmente...

Aliás este é um tema importantíssimo, actualíssimo. E não deixaremos de o relembrar em busca de uma solução: ocuparmos os tempos livres a bem de todos — de toda a Comunidade.

Pergunto: Como? Com o quê?

Como é óbvio precisamos de meios materiais para satisfazer as nossas horas de ócio! Livros, discos e outras coisas convenientes. Temos, inclusivé, dois rapazes muito interessados em pintura, que precisam de óleos, guaches, pincéis, material decorativo...

Os leitores não digam que a ideia é impossível de concretizar! Será que todos os leitores não terão a bondade de colaborar?

Relembro aqueles que — com boa vontade e sacrifício — já fizeram o favor de nos enviar uma simpática oferta. Continuem; continuem a colaborar para que a ideia programada não se extravie.

Seria deixá-la afogar...

Claro, ao longo da sua construção, vamos sentir algumas dificuldades. Porém com a vossa ajuda, tenho a certeza que será realizada.

Como só dispomos das horas vagas, fomos obrigados a paralizar, por uns tempos, as obras em curso. Recomeçaremos brevemente, se Deus quiser, após o termo das praias.

Aí vão alguns, que não deixaram passar a ideia despercebida — e contribuiram:

Começamos com a Snr.ª D. Maria da Anunciação, de Lamego, 200$00; D. Maria Salomé, 50$00; de uma anónima, 100$00; do Snr. O. N. Pinto, 100$00; de Lisboa, 100$00; de S. Jacinto-Aveiro, 50$00; da Snr.ª D. Horácia, 50$00; de outra anónima, 100$00.

Bem hajam as construtivas sugestões do Sr. António José Ferreira!

M. J. Antunes, de Rio Tinto, livros e discos. Rádio Triunfo L.da, 3 discos. Maria Rosa, mãe de um rapaz nosso, 12 discos; ainda 3 discos; de José Bento, o dobro; Programa «Amanhecer» (Rádio Clube Português), 7 discos.

Do Cícero, que foi nosso colega em Paço de Sousa, um álbum; de um anónimo, 21 discos; e, para finalizar, 2 discos e cinco livros, entregues pessoalmente.

Como tínhamos falta de livros, resolvemos enviar recortes de «O Gaiato» para algumas livrarias e editoras.

Fomos atendidos por algumas: Livraria Bertrand, Venda Nova, Amadora; Livraria Tavares Martins, Porto; Livraria Lello & Irmão, Porto; Editorial Aster, Lisboa; Publicações Europa-América, Mem Martins; e, por último, a Editorial Verbo, de Lisboa.

Um voto sincero de agradecimento. E um aviso: O nosso endereço é **Campanha dos Tempos Livres — Casa do Gaiato — Paço de Sousa.**

Henrique R. Fernandes

Diário de um Soldado

África proporcionou-me uma observação nunca experimentada dos homens, que me sugeriu a seguinte classificação:

No 1.º grupo — a que eu convencionei chamar dos «Homens-Pequenos» — pus todos aqueles que, pela quase ausência de personalidade, pelo seu trato mesquinho, até pelo pouco desenvolvimento físico, são dignos de pena ou mesmo espezinhados pelos que vivem à sua volta.

No 2.º — o dos «Homens Grandes» — incluí todos aqueles que amadureceram fisicamente, homens idosos em corpos de homem bem proporcionados, mas cuja consciência moral e humana não vale sequer um palmo de testa. Os sentimentos altruístas neles já não existem. Nada mais se exterioriza neles que o seu porte majestoso, a rotina estudada dos gestos, os olhares carregados de importância; ou carregados de cinismo e desconfiança para os de importância social igual; ou até carregados de inferioridade, de servilismos exagerados para os que ocupam planos superiores.

Dá-se-lhes o apreço conferido à máquina, porque são mesmo «homens-máquinas», seres despersonalizados que actuam com a eficiência duma verdadeira máquina. Quão longa a distância e grande o antagonismo entre um homem 100% humano e a máquina mais extraordinária que alguma vez a técnica possa conceber!...

O 3º grupo — dos «Pequenos Homens» — engloba todos os que são ainda imberbes, tanto física como psiquicamente. Estão ainda a crescer, carregados de defeitos e virtudes, mas aproveitam cada passo falhado para correcção no próximo a dar. Adivinham-se bons estruturalmente, mas ainda a caminharem, embora a passo rápido, para uma realização íntegra. São os futuros homens de amanhã e neles está o fulcro do que a Nação poderá vir a ser!

O 4º grupo — dos «Grandes Homens» — compõe-se de todos aqueles homens já realizados, ou pertinho mesmo da realização. São os que por via das suas qualidades humanas e espirituais, arrastam consigo as multidões que os rodeiam, mas sem um laivo de vaidade ou de orgulho doentio. Tão somente cumprem o que a consciência lhes aponta ser bom. É sobre este punhado de homens extraordinários, sobre os quais não há olhar que não volva admiração e respeito, que assenta toda a alma do Exército e a estrutura da Nação. Conheci alguns — poucos, mas bons! — cujos passos eu muito gostaria de pisar e cuja posição eu muito gostaria de atingir, mediante um esforço equilibrado ao que eles desenvolveram para lá chegar. Homens destacados pelas suas arriscadas decisões, pela sua alta capacidade de raciocinar, friamente e sem veleidades de qualquer sorte, em cada situação profissional ou de vida que tenham de resolver. Grandes homens, social e humanamente, mas pequenos nas ambições e humildes e simples nos gestos de acção. Homens capazes de botarem uma mão amiga sobre o ombro dum inferior e ajudá-lo a resolver os seus problemas. Homens que não se coibem de apontar a dedo os erros e desvirtudes dos seus superiores, sabendo nisso estarem a incorrer em atrasos de promoção, em despromoções até, lugares que terão de voltar a ocupar às vezes à custa de autênticos golpes de coragem e de heroísmo.

Conheci homens assim nos militares de carreira! Homens que nunca se deixaram corromper pelos vícios inerentes à profissão que decidiram levar. Homens dotados daquela têmpera forte que tão bem Sá de Miranda definia como «homens de antes quebrar que torcer». A grande maioria deles, hoje, já não pisa solo guinéu. Mas sei que ainda existe lá um — talvez até o maior de quantos conheci! Ele é, com toda a justiça e merecimento, o mais autêntico baluarte do que pode e deve ser um homem, independentemente de todo e qualquer cargo que desempenhe. Não interessam cargos, nem galões, nem divisas, nem posições, nem as glórias que com eles se podem obter. O que interessa, sim, são os sentimentos, a força de alma, lançados no mais pequeno gesto ou na mais pequena atitude. Pois esse homem, já um pouco idoso, possui tudo isso — a força, o dinheiro e os sentimentos — que, ao contrário do que se possa pressupôr, faz dele a pessoa mais simples que é possível imaginar. Não o meço por este gesto, mas ele é contudo bem ilustrativo do que aponto. Foi por um desses dias de grande algazarra, com muitos festejos e algumas inaugurações. Ele foi chamado para presidir às ditas inaugurações. No fim servia-se uma opípara refeição. Ele tomou parte nela, é certo, como lhe competiam as suas atribuições. Num passeio às imediações, vi-o entrar em uma palhota das mais miseráveis de quantas miseráveis lá existiam e, após uma conversa afável com essa gente atrasada do sertão, comer da mesma malga rude e «à mão» o arroz com um peixe seco que essa família comia.

Rogério

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA *T. A. P.* PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

CRESCE O NÚMERO DE NOVOS LEITORES

Diria Pai Américo: «a procissão continua». Sim: é muito significativo o interesse dos nossos leitores pelas obras da nossa Editorial. Mais ainda por ser esta, praticamente, a única via de promoção das suas obras...

É um interesse, um entusiasmo (porque não uma devoção?) apaixonantes. E que, repetimos, cria apaixonados: uns puxam outros!

De facto, a roda de novos leitores cresce proporcionalmente aos que debruçam — ou debruçaram — os olhos da alma nos 10 volumes editados por Pai Américo, do «Pão dos Pobres» a «O Barredo».

UM ESCLARECIMENTO

A propósito: As discretas notícias publicadas ultimamente sobre o andamento da reimpressão de «O Barredo» — próximo lançamento — despertam já presenças consoladoras! Umas, com pedidos de reserva de exemplares; outras, quereriam recebê-lo imediatamente!!

Esclarecemos que o livro só no próximo ano estará na rua. Sosseguem um pouco. Marquem vez. Inscrevam-se na lista, em nossos ficheiros. Mas aguardem pacientemente.

Entretanto, vamos procurando que saia uma reedição que não desmereça — até do ponto de vista gráfico.

A nossa Editorial

CORREIO DOS LEITORES

Aqui vão, pois, mais algumas achegas de quantos se enamoram das obras de Pai Américo.

Comecemos pela Amadora:

«Tenho o vosso livro «Viagens» quase lido e como estou maravilhada quero oferecer um a uma amiga que faz anos no próximo dia... e a filha faz no dia... De maneira que me vão fazer o favor de enviar também o «Obra da Rua» que será oferecido a esta, que passou para o 5.º ano do Liceu. São pessoas que irão comprender e sentir bem quanto vale a Obra de Pai Américo.

Eu, confesso, não sou católica; mas diante de pessoas assim seria capaz de ajoelhar...»

Lisboa:

«Venho acusar recepção do maravilhoso livro «Viagens».

Recebi, também, os dois volumes do «Pão dos Pobres», que foram pedidos por mim e que igualmente agradeço, bem assim a prontidão do seu envio.

Que dizer-vos de todos estes livros?

O que tenho dito e sentido de todos os livros que já li de Pai Américo. Indicam-nos o caminho do Céu.

Quanto mais me embrenho na sua leitura, mais vontade sinto de os ler, pois há alguns que já li três vezes...

Se me perguntarem qual deles acho melhor, qual deles mais aprecio ou prefiro, responderei apenas: todos. Sem distinção.

Todos nos revelam a alma nobre de Padre Américo; todos deixam em nós o desejo sempre crescente de nos tornarmos melhores, de vermos no nosso semelhante um nosso irmão em Cristo, de pensarmos que o que o mundo tem de bom é apenas o Bem que cá possamos fazer...»

Ficamos por aqui. Com mais um esclarecimento. Só possuímos em «stock» as seguintes obras: *«Pão dos Pobres»*, 2.º e 3.º volumes; *«Obra da Rua»*; *«Isto é a Casa do Gaiato»*, 1.º e 2.º volumes; *«Ovo de Colombo»* e *«Viagens»*. Todos os outros estão esgotados.

Júlio Mendes

Lar Operário de Lamego

Vamos hoje focar os dois extremos, anotando preocupações motivadas por jovens e por irmãos nossos já de avançada idade. A uns é preciso ajudar a subir para a vida e a outros ajudar quando a vida já não lhes traz alegrias nem esperanças. Não queríamos hoje falar de fome, nem doenças, nem de falta de habitações. Há outras formas de pobreza que pedem a nossa atenção.

Bastante longe daqui, encontrei uma família com dois filhos que tinham concluído a instrução primária. Os pais não tinham ambições especiais para os dois rapazes, mas um Missionário passou pela Escola, falou aos alunos, falou ao Professor, pediu informações e pareceu-lhe que aqueles dois pequenos tinham qualidades para continuar a estudar. Começam os problemas. O Missionário procura limitar a despesa, todavia exige-se um mínimo. Há as mensalidades, há enxovais a preparar para dois. O pai é simples trabalhador na C. P. A Mãe não pede nada, manifestando sòmente a sua aflição porque não vê modos de equilibrar o que o marido recebe com as despesas que agora vai fazer.

Em resposta oferecemos-lhe o necessário para um dos filhos. Foi tudo simples e só o indispensável e mesmo assim passou de 3.000$00! A Mãe não contava com a nossa atitude, pois éramos desconhecidos e deixou cair lágrimas de comoção. Agora já é mais fácil conseguir para o outro. Sabemos que o Senhor aprovou a nossa oferta, pois, no dia seguinte, o Lar de S. Domingos estava reembolsado.

Poderemos agora lavar as mãos, não tendo nada com o caso, ou deveremos voltar a aparecer? Colaborar com esta família, não será descobrir uma nova forma de pobreza a que ficamos indiferentes?

Nesta segunda parte queremos dar conhecimento da correspondência que tem chegado a favor da «Casa dos sem Família». Sabemos que riqueza e pobreza são valores relativos e hoje prometemos não falar disto. É outro aspecto do sentido dos outros. Já aqui dissemos que não se trata de pessoas com falta de meios económicos para viver, mas sim de quem chegou a uma idade avançada e não tem alguém de família que lhe dispense o carinho e os cuidados de que precisa. Andamos empenhados em conseguir uma casa que receba tais pessoas. A ideia foi anunciada há mais de 3 anos e ainda nada se concretizou. A fogueira não está apagada e de vez em quanto chegam notícias que vêm a escaldar. Há tempos chegou uma carta dos lados de Arouca que pedia para insistir no assunto e dava o nome de «Casa, ou Lar dos sem família». A mesma carta trazia a notícia de 500$00 que era a soma de várias ofertas com diversas intenções. Depois disso, da mesma terra, chegaram mais 50$00. Vem mensalmente de C. da Estrela 50, 100, e 150$00. Tudo isto nos faz andar. E, ultimamente, temos intensificado a nossa actividade para conseguir uma casa por arrendamento, já que não vemos possibilidades de comprar. Sabemos que os velhos precisam de ternura. É preciso em absoluto superar toda a repugnância natural. O primeiro esforço que devemos fazer é procurar compreendê-los. Eles, por si, naturalmente, sentem-se abandonados e sofrem mais com isso do que com a falta de pão.

Quando teremos a «Casa dos sem Família»? Ficaremos eternamente em lamentações e em desejos? Começo a sentir vergonha e fico com vontade de só falar novamente quando tiver a casa e os primeiros ocupantes.

Padre Duarte

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

decisivo para ir ao seu encontro. Reunem-se em mesas redondas ou quadradas, buscando para si a satisfação, não cuidando de dar a mão a quem dela precisa; ou, se o fazem num momento de fervor e entusiasmo, se deixam ficar por aí. Bendizemos as mãos daquele amigo da Ganda, que não conhecemos e nos fez chegar às mãos, pelo correio, um cheque de 6.000$00, com estes dizeres: «Para que possa criar mais pequeninos». Não é a primeira vez que o faz. Outro, muito discretamente, em carta fechada, deposita em nossas mãos 4.500$00, fruto do 1.º mês de uma casa que arrendou. Dar-vos-ei mais notícias, a seguir.

Padre Manuel António